



Sobre a *zona de não-ser* e o *negro-tema*: um debate acerca da produção do conhecimento a partir de Frantz Fanon e Guerreiro Ramos¹

Patrícia Amorim Weber²
Priscila Martins de Medeiros³

Resumo: Este artigo busca compreender de que modo o sujeito negro esteve alocado na produção canônica da teoria social moderna a partir das obras de Frantz Fanon e de Guerreiro Ramos. Tendo como método a análise de conteúdo, chegamos à conclusão de que ambos os autores se aproximam ao considerar que esta produção canônica concebeu uma narrativa equivocada acerca da subjetividade e da realidade social do negro ao situá-lo como ser estático e inferior. Assim, com base nos conceitos “zona de não ser”, de Fanon, e “negro-tema”, de Ramos, desenvolvemos nossa reflexão em torno do argumento de que a *racialização* do sujeito negro impossibilitou o conhecimento pleno de sua experiência social pela produção teórica.

Palavras-Chave: Modernidade. Teoria Social. Racialização. Frantz Fanon. Guerreiro Ramos.

On the *zone of nonbeing* and the *black-theme*: a debate about the production of knowledge from Frantz Fanon and Guerreiro Ramos

Abstract: This article seeks to understand how the black subject was located on the canonical production of modern social theory based on the works of Frantz Fanon and Guerreiro Ramos. Using Content Analysis as a method, we come to the conclusion that both authors agree when considering that this canonical production conceived a mistaken narrative about the subjectivity

¹ Este artigo é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida entre agosto de 2018 e julho de 2019 com apoio do CNPq (processo nº 147711/2018-5), sob orientação da Prof^a Dr^a Priscila Martins de Medeiros. Uma versão preliminar desse texto foi apresentada no 26º Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), que ocorreu em 2019.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos e Bacharel em Ciências Sociais pela mesma instituição. E-mail: patriciaaweber@live.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2146-8238>.

³ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos e Professora Adjunta do Departamento de Sociologia da mesma instituição. E-mail: medeiros.ufscar@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9620-8946>.



and the social reality of blacks when situating them as static and inferior beings. Thus, based on the concepts “zone of nonbeing”, by Fanon, and “black-theme”, by Ramos, we developed our reflection around the argument that the *racialization* of blacks made it impossible to fully know their social experience through theoretical production.

Keywords: Modernity. Social Theory. Racialization. Frantz Fanon. Guerreiro Ramos.

1. Introdução

A década de 1960 constitui-se enquanto um momento de mudanças paradigmáticas na história do pensamento social. A ascensão das chamadas teorias pós-modernas e pós-estruturalistas trouxe grandes questionamentos e uma forte rejeição aos projetos racionalistas do Iluminismo. Além disso, diversas transformações foram postas por “novos sujeitos” que, a partir de movimentos sociais e do acesso às instituições de ensino e pesquisa, puderam trazer novos conceitos e novas perspectivas para o centro do debate, expondo problemas que até então não tinham sido tratados nas pesquisas das ciências humanas (ADELMAN, 2009).

Naquele momento, a ampliação da concepção sobre o que concerne a teoria social passou a incluir no *hall* do pensamento, entre outras coisas, a subjetividade daqueles que são estudados e a dos que produzem pesquisas científicas, assim como as relações políticas que existem em torno da produção do conhecimento.

As obras que fundamentam este artigo foram concebidas naquele momento histórico. *Pele Negra, Máscaras Brancas* de Frantz Fanon, publicada em 1952, teve como inspiração teórica pensadores centrais na formação do período, como Simone de Beauvoir e Aimé Césaire, por exemplo (FAUSTINO, 2015). Alberto Guerreiro Ramos escreveu *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira* em 1957, tendo como influência os autores franceses que estavam discutindo o existencialismo e o racismo colonial, além do Teatro Experimental do Negro (TEN), que refletia acerca da posição social, econômica e política dos negros na sociedade brasileira (GUIMARÃES, 2008).

Fanon e Ramos conseguiram compreender muito bem a importância de se estudar a subjetividade do negro no contexto de situação colonial. Fanon, por exemplo, se preocupou com os efeitos psíquicos do colonialismo, com o tema do desejo e com o caráter contingente da cultura e da identidade (FAUSTINO, 2015). Ao colocar no centro do debate o que os negros desejavam e o que experienciavam no contato com o outro, pôde demonstrar o enorme vazio que havia, a partir de sua perspectiva, entre a realidade destes e o modo como eram representados na estrutura (GORDON, 2015). Ramos, do mesmo modo, salientou a importância da psicologia nos estudos sobre o negro, além de



também procurar estabelecer a diferença entre a realidade e a representação ao expor em seu livro os erros nos quais incorreu parte da sociologia brasileira ao enxergá-lo apenas enquanto um “problema”, isto é, supostamente um ser incompreensível e incapaz de se integrar à sociedade nacional.

É interessante observar, no entanto, as diferenças e as aproximações das análises de nossos autores no que se refere à experiência social destes sujeitos, assim como o teor de suas propostas para uma possível mudança da situação colonial. Não há espaço aqui para um aprofundamento, porém, vemos que suas biografias talvez tragam luz e nos ajudem a compreender em que contextos o pensamento de ambos foram formados.

Frantz Omar Fanon (1925-1961), nascido na Ilha de Martinica, lutou na Segunda Guerra Mundial junto às forças de resistência no norte da África e na Europa. Após esse período, mudou-se para a França onde estudou medicina e, concluído o curso, tornou-se membro da Frente de Libertação Nacional da Argélia. Durante toda a sua trajetória, se dedicou à luta para libertar os condenados da terra de suas instituições coloniais e racistas (FAUSTINO, 2015; GORDON, 2008). Nas obras do autor, vemos o forte debate sobre o lugar da violência no processo de colonização e descolonização, assim como a grande importância que este dá à luta pela libertação na formação de um novo sujeito.

Em seu livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*, escrito inicialmente como um trabalho de conclusão de curso ainda na graduação em Psiquiatria Forense em Lyon, na França, já apresentava um humanismo radical, com elementos que iam desde a fenomenologia existencial até o marxismo, frisando algumas críticas ao movimento de negritude (FAUSTINO, 2018). Para autores como Kobena Mercer, Homi Bhabha e Ray Chow, *Pele Negra* é central na obra do autor, pois explicita as fraturas coloniais que fazem parte do sujeito moderno, além de demonstrar a inviabilidade da dialética do reconhecimento, da igualdade, da universalidade e da razão (FAUSTINO, 2015).

Guerreiro Ramos (1915-1982), por outro lado, teve uma trajetória muito mais ligada aos ideais do nacional-desenvolvimentismo. Nascido no interior da Bahia, logo quando jovem fez parte da Ação Integralista Brasileira e posteriormente militou no Centro Católico de Cultura. No final de 1930, participou do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP), órgão criado pelo Estado Novo, e em 1943 entrou para o quadro técnico do Departamento de Administração do Serviço Público (DASP) (MAIO, 2015).

O autor deu início a um longo relacionamento com o Teatro Experimental do Negro no final da década de 1940. Tal grupo tinha uma visão integracionista como estratégia política, e por este motivo endossavam a formação e ascensão de uma elite negra como meio de mudar a representação social do sujeito negro (MAIO, 1996). Já no ano de 1951, Ramos passou a fazer parte do segundo governo de Getúlio Vargas a partir de um posto na Casa Civil, e foi nesse momento que se intensificou a sua defesa de uma sociologia nacional e



militante. Em 1953, integrou-se ao IBESP (Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política), depois transformado em ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), no qual discutia sobre o subdesenvolvimento brasileiro, o nacionalismo acerca dos recursos naturais do país e sobre uma racionalização maior da gestão pública (SCHWARTZMAN, 1981 *apud* MAIO, 2015, p.613). Após alguns anos, em 1960, o autor se envolveu na prática política, candidatando-se a deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) (LYNCH, 2015).

Segundo Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, Guerreiro e Fanon se aproximam muito no que concerne às suas influências teóricas. No entanto, as situações contextuais e as trajetórias e projetos pessoais distintos aproximaram Ramos de posições nacionalistas e populistas, e Fanon do ímpeto revolucionário que via a violência como um meio de transformação social (GUIMARÃES, 2008).

Tais especificidades sobre contextos, trajetórias e projetos podem ser notadas no teor de cada perspectiva que será abordada neste trabalho. Contudo, apesar das diferenças, ambos os autores concordam em diversos pontos nas reflexões que tangenciam a determinação econômica, cultural e psicológica sobre os sujeitos colonizados.

Portanto, é devido a estas especificidades em suas biografias e obras, como também ao fato de ter saltado aos olhos destes autores a necessidade de se criticar a representação equivocada do negro na ciência produzida à época, que tivemos o interesse em traçar, a partir do método de análise de conteúdo (SILVA; FOSSÁ, 2013), uma perspectiva comparada sobre como ambos veem o modo como o negro esteve alocado na produção canônica da teoria social moderna. O argumento central defendido é que a *racialização* do sujeito negro e a consequente falha no reconhecimento deste como humano impossibilitou o conhecimento pleno de sua experiência social pela produção teórica, haja vista que, assim como afirma W.E.B. Du Bois (1999), a categoria raça encobre aqueles atingidos por ela com um véu, dificultando uma percepção mais apurada do sujeito em relação ao objeto e vice-versa.

Para atingir tais fins, contemplaremos quatro principais pontos: a) a situação colonial como marco importante para se pensar a modernidade e o impacto desta na representação social do negro; b) o modo como cada autor discute a relação sujeito-objeto na ciência e como localizaram nela o debate racial ou o sujeito negro; c) a compreensão de como cada um dos pensadores aborda o “universal” enquanto princípio geral do projeto filosófico da modernidade e as implicações resultantes dessa construção; e, por fim, d) aproveitamos o engajamento intelectual de ambos para frisar as possíveis saídas epistemológicas frente aos limites impostos ao ser negro na narrativa moderna.



2. A situação colonial e a criação social do negro

Propomos, neste tópico, uma breve exposição acerca de como o pensamento moderno, a partir da empresa colonial, forjou categorias sociais *racializantes*⁴ e criou a imagem social do negro. Posteriormente, tendo em vista esta base teórica, pretendemos demonstrar como a teoria social hegemônica se constituiu diante deste contexto histórico-social, tendo como aporte as observações e críticas de Frantz Fanon e Guerreiro Ramos.

Segundo Lewis Gordon, todas as formas de exploração colonial são formas de desumanização (GORDON, 2015). Podemos compreender esta afirmação através da indagação sobre o que constitui o ser humano na cultura ocidental. A partir de Fanon, em *Pele Negra*, vemos uma perspectiva existencialista que defende que um dos aspectos do Ser é sua indeterminação, isto é, a sua impossibilidade de essencialização pelo fato de ter uma consciência fluida, transcendental, e não comportar substâncias fixas e perenes (FANON, 2008).

No entanto, a situação colonial conferiu ao negro uma identidade social cristalizada, que teve seu princípio no processo de exotização de sua imagem e foi intensificada posteriormente através da concepção racializada e racista sobre este no imaginário ocidental. De acordo com Gislene Aparecida dos Santos (2002), até o século XIX, o europeu encarava os povos negros como portadores de uma cultura exótica, visão que lhe causava um misto de fascínio e repulsa. Contudo, o exotismo se transformou em racismo, isto é, na atribuição de elementos negativos essencializados sobre o negro e suas referências culturais, no momento em que a inferiorização deste concedeu a todo um continente a possibilidade de explorá-lo, tirando da população negra seus direitos políticos e sua humanidade. Deste modo, a autora considera o racismo como um dispositivo utilizado para dominar o outro, afirmação esta que coincide com a perspectiva Fanoniana.

Em seu texto *Racismo e Cultura*, Fanon afirma que o racismo colonial é a parte mais visível de uma estrutura de opressão sistematizada contra um povo. Assim, ele atua enquanto uma importante ferramenta de subjugação com o intuito de escravizar a população autóctone (FANON, 1980). Para a efetivação deste processo, Fanon aponta para a necessidade de eliminação do sistema de referência cultural destes povos. A ação europeia visa a destruição existencial dos colonizados, porém, concretamente, longe de terem sua cultura eliminada, esta mantêm-se fechada, mumificada. É por este motivo que, em *Pele Negra*,

⁴ Utilizamos o termo *racialização* no sentido utilizado por Priscila Medeiros em seu artigo "Rearticulando narrativas sociológicas: teoria social brasileira, diáspora africana e a *desracialização* da experiência negra". Cito-a: "Quando se fala em racialização faz-se referência aos processos históricos e sociais que estabelecem significados a determinados indivíduos e grupos. O que ocorre é uma biologização de ideologias racistas, cristalizando-as no corpo e na história dessas pessoas e transformando-as em 'verdades' corporificadas. (...) E, ao criarem 'verdades', são estabelecidos os respectivos 'lugares sociais' para os grupos atingidos por esses processos; são criadas também as expectativas coletivas sobre como esses grupos devem agir, pensar e ser, ou melhor, nascem aí os 'sujeitos típicos' para tais ideologias" (MEDEIROS, 2018, p.710).



afirmará que o negro “jamais foi tão negro como a partir do instante em que esteve sob o domínio do branco” (FANON, 2005, p.176).

A criação do negro e a *racialização* deste são, portanto, para Fanon, um resultado do contato destes povos com a civilização europeia. A cristalização de sua cultura vem seguida da adjetivação negativa desta. O Negro, enquanto categoria social forjada, passa a ser encarado enquanto ser sem civilização, sem passado histórico e biologizado (FANON, 2008). Sua imagem diante do europeu é conhecida *a priori*, dados os estereótipos imputados a si. O autor aponta para a importância da narrativa e dos relatos para a formulação desta imagem e, sobretudo, para a concepção da imagem do negro sobre si mesmo.

Em seu livro *A Crítica da Razão Negra*, Achille Mbembe vai ao encontro desta análise Fanoniana. Para ele, a criação do significado de ser Negro se deu através de um “processo de efabulação”, ou seja, a partir da concepção de diversas narrativas mitológicas sem fundamento na realidade concreta. Desta forma, segundo Mbembe, o Negro foi constituído enquanto o *Outro* diferente e inferior ao branco, tido como “objeto ameaçador”, incivilizado, passível a desqualificação moral e a instrumentalização prática (MBEMBE, 2014, p. 26; p. 69). A inovação em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, portanto, está em apontar quais foram os efeitos deste processo para a subjetividade destes sujeitos racializados e, além disso, o que estes desejam para si.

Um dos efeitos concerne ao que podemos denominar “dupla consciência”, algo que já havia sido apontado por Du Bois (1999), e está em consonância com o que fora dito por Paul Gilroy em *Atlântico Negro* (2001), ou até mesmo por Guerreiro Ramos (1957). Segundo estes autores, a colonização e a *racialização* do outro conferiu ao sistema global uma estrutura compartimentalizada. De um lado, observamos a representação de uma sociedade dotada de uma cultura e saberes supostamente avançados, e do outro, “povos bárbaros” e supostamente sem conhecimento do mundo. Devido a essa configuração no imaginário social ocidental, os autores afirmam que a modernidade conferiu ao negro uma duplicidade, resultado de uma oposição de duas consciências em um único corpo (BRUCE, 1992; DUBOIS, 1999; GILROY, 2001). Em *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*, de Ramos, esta condição ambígua aparece no apontamento do autor para a autonegação do negro europeizado à sua condição social e ao seu corpo (RAMOS, 1957, p.153). Em *Pele Negra*, ela aparece como resultado da cristalização e da inferiorização da metafísica do negro. Por este motivo, Fanon afirma, categoricamente, que

o negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. (...) Não há dúvida de que esta cissiparidade é uma consequência direta da aventura colonial...E ninguém pensa em contestar que ela alimenta sua veia principal no coração das diversas teorias que fizeram do negro o meio do caminho no desenvolvimento do macaco até o homem (FANON, 2008, p.33).

Interessante notar que, neste excerto, o autor aponta para a participação



da teoria científica neste processo de *racialização*. Algo também enfatizado por Guerreiro Ramos ao comentar a produção sociológica de sua época e o modo como o negro foi interpretado e representado por ela.

3. A produção do conhecimento na teoria social moderna e seus impactos na construção do Outro

Em 1903, W.E.B. Du Bois escreveu em seu livro *As Almas da Gente Negra* que o problema do século XX viria a ser o problema da barreira racial. Neste sentido, a questão racial seria uma temática fundamental para uma leitura adequada das sociedades modernas, e o processo de *racialização* estaria no centro de sua formação e organização social (BROWN, 2015; DUBOIS, 1999).

Para o autor, tal processo implica, necessariamente, na impossibilidade de reconhecimento da humanidade do grupo racializado, o que inviabiliza uma verdadeira comunicação entre este grupo e aquele que o racializa. Du Bois se utiliza da metáfora do véu para explicitar que aqueles delimitados pela narrativa da raça vivem em uma sombra, o que confere uma distorção perceptiva em via dupla, a do negro que se vê a partir dos olhos e dos valores do outro, e a do branco que é incapaz de enxergar o negro em sua plenitude por ter no entremeio desta relação o preconceito (BROWN, 2015).

Podemos observar que, na produção teórico social europeia, a raça figurou entre as principais categorias de estudo para a classificação do outro. Segundo Rawyen Connell, a sociologia de fins do século XIX e início do século XX, por exemplo, se desenvolveu, sobretudo, em torno da noção de progresso. E, com o intuito de organizar o que passaram a conceber como a história humana, foi primordial contrapor as sociedades civilizadas e avançadas às sociedades tidas como primitivas e inferiores, isto é, comparar as sociedades europeias em face dos povos colonizados (CONNELL, 2012).

Os teóricos brasileiros acolheram tais categorias tardiamente, porém, haja vista o entusiasmo destes em estabelecer uma identidade ao brasileiro e um projeto de desenvolvimento nacional ao recente Estado-nação, as premissas de estudos como o darwinismo social ou o evolucionismo social lhes serviram para esboçar uma possibilidade de homogeneização e branqueamento ao perfil do brasileiro. Com Lilia Shwarcz (1993), vemos que, do darwinismo social, estes teóricos absorveram a noção de diferença e hierarquização entre as raças, sendo este o motivo de seus profundos temores pela mestiçagem; e do evolucionismo social, sublinharam a noção de que as raças estariam sob um constante aperfeiçoamento, fortalecendo a crença destes autores no binarismo bárbaro/civilizado.

Notamos nas obras *Pele Negra, Máscaras Brancas*, de Frantz Fanon, e *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*, de Guerreiro Ramos, que o processo de *racialização* e a análise sobre a adoção acrítica desta categoria



pelos teóricos estão no seio de suas obras e são pressupostos fundamentais para se compreender a perspectiva destes acerca do *locus* do negro na teoria social moderna. Dado isso, e com base na noção de *véu* para Du Bois (1999), argumentamos que há um acordo entre Ramos e Fanon a respeito da criação do *Outro racializado* e do impacto que isto tem na relação sujeito-objeto. Através da leitura de suas obras, observamos que, para ambos, a *racialização* impossibilitou tanto o processo de reconhecimento do negro enquanto humano como também o desenvolvimento de um conhecimento fiel da realidade social deste grupo.

No que tange ao reconhecimento, Fanon, em *Pele Negra*, observa que, se ao negro, limitado em sua existência, é negada a condição humana, sua relação com o seu outro, isto é, o branco, será inevitavelmente desigual. O autor se debruça, então, sobre a dialética Hegeliana do senhor e do escravo de modo crítico e afirma que não há, na realidade, qualquer possibilidade de luta por reconhecimento nesta relação, uma vez que o racismo é uma negação total dos atributos humanos (GORDON, 2015). Em seu lugar, temos uma relação unilateral, em que o branco atribui apenas a si a condição de ser.

Situado fora dessa dialética, o negro se tornou, *a priori* e aos olhos do branco, apenas corpo. Em uma concepção de mundo que estabelece uma separação entre corpo e mente, ao negro foi relegado o biológico; ao branco, legitimou-se o conhecimento e a transcendência. Assim, isolado em uma condição de “matéria”, ou de *não-ser*, a representação do negro é construída não por ele mesmo, mas pelo outro.

Para Fanon, o corpo do negro é significado no mundo a partir de um esquema histórico-racial, isto é, a partir de uma narrativa elaborada socialmente (pelo branco europeu) que tem como efeito a construção do outro (o próprio negro) como o não-Eu (o não-branco) (SPIELMANN, 2000). A pseudociência do século XIX, dotada de um racismo mascarado de objetividade, foi um importante pilar para a manutenção desta ideologia. É devido a isso que Fanon afirma:

Elaborei, abaixo do esquema corporal, um esquema histórico-racial. Os elementos que utilizei não me foram fornecidos pelos “resíduos de sensações e percepções de ordem sobretudo tátil, espacial, cinestésica e visual”, mas pelo outro, o branco, que os teceu para mim através de mil detalhes, anedotas, relatos. Eu acreditava estar construindo um eu fisiológico, equilibrando o espaço, localizando as sensações, e eis que exigiam de mim um suplemento (FANON, 2008, p.105).

Há, neste processo, uma importância fundamental da linguagem. Conforme explicita Lewis Gordon em sua análise sobre *Pele Negra, Máscaras Brancas*, a linguagem é uma potente construção capaz de dar forma à realidade (GORDON, 2015), haja vista que é responsável por mediar a relação entre o pensamento e o mundo. Assim, ela nos possibilita não só compreender o processo de formação da estrutura colonial, como também o modo como



narrativas, inclusive com pretensão científica, puderam forjar tanto a representação social como também a subjetividade do colonizado.

Em Ramos, é possível observar este processo a partir de suas críticas ao modo como o negro foi compreendido pelos estudos de relações raciais do Brasil de fins do século XIX e início do século XX, e mais especificamente colocado naquilo que chamará de “*problema do negro*” e “*negro-tema*” na teoria social brasileira.

Segundo o autor, o “*problema do negro*” poderia ser considerado de duas formas: o modo como o negro é visto pela sociologia, que o enxerga enquanto um sujeito exótico ou enquanto um obstáculo a se superar, e o problema do negro tal como é realmente vivido, isto é, o modo como o sujeito negro se vê socialmente e as dificuldades que são colocadas para sua plena integração na sociedade brasileira.

O primeiro sentido, de acordo com Ramos, deriva da dificuldade dos teóricos sociais em analisar o comportamento dos sujeitos racializados, o que ocorre devido a uma importação acrítica das teorias estrangeiras somada à uma ideologia da brancura⁵. Essa importação, segundo o autor, se dá devido a um equívoco dos intelectuais em relação à produção sociológica. Ao deturpar o sentido do que é a universalidade na ciência, estes desconsideram que o fazer teórico é sempre contingencial à realidade histórica de cada país, e que deve estar sempre em acordo com os elementos sociais autóctones.

Portanto, este vão existente entre a representação do negro, interpretado a partir de uma teoria exógena e encarado de forma preconceituosa, junto ao distanciamento de sua realidade, conferiu a esta parcela da população uma identidade homogênea e estereotipada na teoria social brasileira, ou, como exposto anteriormente, a uma essencialização. Esta identidade única, para Ramos, desconsideraria inexoravelmente a multiplicidade que é o ser negro, contrapondo o que ele denomina como “*negro-tema*”, isto é, o negro tal como é representado na teoria, ao “*negro-vida*”, ou a experiência social real deste. Para o autor, enquanto o primeiro é um ser mumificado e fixo, o segundo é multiforme, imóvel, impassível a uma versão definitiva (RAMOS, 1957).

Esta condição específica do negro e a sua caracterização enquanto não-ser, a partir de sua subordinação material e metafísica, impossibilitou-o de se ver enquanto expressão universal, haja vista sua limitação ao caráter imanente do corpo.

⁵ De acordo com Guerreiro Ramos, a ideologia da brancura é um conjunto de valores e ideias presentes no pensamento do colonizado que hierarquiza as raças e considera o branco como ser superior ao negro. Em sua obra, o autor frisa as implicações desta ideologia no padrão estético dos sujeitos não-europeus, que passam a cultivar o desejo de ser branco. Este desejo provocaria, na sociedade colonizada, a formação de um padrão estético exógeno, isto é, um padrão “não induzido diretamente da circunstância natural e historicamente vivida” (RAMOS, 1957, p.152).



4. O Negro e a impossibilidade de se ver enquanto expressão universal do gênero humano

Uma das categorias que fundamentam a filosofia moderna é o princípio da universalidade. Esta pressupõe um metarrelato da história, definindo as trajetórias sociais a partir de etapas que, teoricamente, todos os povos devem passar. Por outro lado, também faz parte desta perspectiva uma concepção geral do que é o humano, quais são seus atributos fundamentais e quais são suas possibilidades ao experienciar o mundo. No que concerne à razão, o universalismo pressupõe a capacidade humana de controle e compreensão da natureza, além da concepção científica hábil para explicar o todo global.

Ocorre que, na prática, a teoria social moderna hegemônica fora concebida tendo como substância elementos locais e temporais específicos. A Europa, a partir de um processo político de poder, tornou-se a expressão universal de civilização e o berço de um conhecimento legitimado, observando o mundo a partir de sua própria experiência social e de seus valores morais. As obras de Locke e Hegel, por exemplo, são construídas em torno desta noção universal, quando, na realidade, constituem-se enquanto uma análise a partir de uma perspectiva histórica particular (LANDER, 2005).

O uso inadequado do que se concebe enquanto universal incorre inevitavelmente em desigualdade, o que é muito bem apontado por nossos autores. Em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, há diversas passagens em que Fanon denuncia como as interpretações tidas como gerais não contemplam a experiência material e subjetiva do negro. Fanon rebate Adler, Freud, Sartre e até mesmo Hegel. Em outras passagens, afirma que não só o negro não é bem interpretado como é até mesmo excluído dos princípios gerais que atendem o Homem universal. Conforme interpretamos, no seu entender, tais atributos do humanismo pleno seriam a capacidade de transcendência, de questionamento, de negação no sentido cartesiano e de não ser determinado por uma essência. Se estes elementos qualificam o Ser, é devido a isso que o negro, para Fanon, é um *não-Ser* no mundo moderno (FAUSTINO, 2015).

Assim, nota-se que a *zona de não-ser* é concebida pelo autor enquanto uma condição existencial, sendo um subproduto da empresa colonial. Ao ter sua metafísica negada, o negro perdeu, aos olhos do europeu, a sua subjetividade, uma vida interna, foi reduzido a pura exterioridade, a uma negação do simbólico. O racismo antinegro conferiu a este uma essência, ilustrada a partir da negação da pluralidade pertencente ao humano, transformando a diversidade de um continente em uma categoria homogênea denominada “o negro”. Segundo Lewis Gordon, este movimento inibe a possibilidade de um conhecimento aprofundado do ser, relegando-o a uma condição de anonimato (GORDON, 2015). O que, retomando a discussão do tópico anterior, dificulta ainda mais a elaboração de conhecimento entre o sujeito que produz o saber



e o objeto a ser estudado⁶.

Contudo, ainda que a universalidade esteja no seio da desumanização do negro, Fanon não a desconsidera enquanto possibilidade. O autor a situa enquanto elemento central na concepção de um novo humanismo, sendo reinterpretada e significada em sua plenitude. Fanon deseja que o homem negro seja apenas um homem em meio a outros homens, isto é, que ele saia da situação de particularidade e chegue ao universal. Uma vez acabada a situação colonial, a universalidade poderia ser uma possibilidade a partir da assunção de um relativismo em relação às diferentes culturas (FANON, 1980).

Em Guerreiro Ramos, a universalidade é discutida a partir da perspectiva sociológica de sua época. Tal como Fanon, Ramos assume tal categoria enquanto definidora de princípios gerais e aponta seu uso inadequado no meio intelectual brasileiro. Para ele, os sociólogos deturparam o seu sentido ao entender que a universalidade na ciência pressupunha uma verdade absoluta, o que permitia a transposição total das produções teóricas exteriores para a interpretação da realidade brasileira, e gerava, inevitavelmente, um descolamento entre teoria e realidade. Este tipo de concepção do fazer científico, típico de países coloniais, unido ao racismo colonial, engendrava inevitavelmente uma sociologia do negro equivocada, pois o preconceito presente no pensamento do intelectual que via o negro como obstáculo, concomitante ao uso de uma teoria exógena, era conseqüentemente incapaz de captar as características da realidade desta parcela da sociedade (RAMOS, 1957), haja vista a condição de anonimato apontada por Gordon, como citada acima.

Entretanto, Ramos, assim como Fanon, também pretende resgatar o que crê ser o real sentido do universalismo. O autor afirma que “a sociologia, como ciência, é universal. É um método de pensar. (...) Ela se diferencia nacionalmente quanto aos temas e aos problemas de que trata” (RAMOS, 1957, p.25). Desta forma, a produção sociológica, para ser legítima, deveria ser produzida tendo como foco o processo histórico-social e a composição demográfica de seu país. Porém, Ramos intensifica ainda mais a importância dada a uma teoria perspectivista e contingente. Para ele, não só a dinâmica social deve determinar o processo do fazer científico, como também seu método deve respeitar os recursos de cada país (RAMOS, 1957). Seguindo estes preceitos, a sociologia estaria apta a interpretar a real condição existencial de sua nação.

5. Os possíveis meios para se superar a situação de colonização epistemológica e restabelecer a representação do negro

A completude da obra de nossos autores deve-se ao fato de ambos apontarem não só algumas das características das sociedades colonizadas

⁶ Discordo a respeito do uso da terminologia “objeto” para falar sobre indivíduos estudados, no entanto, a usarei para explicitar melhor o argumento central do artigo.



e a especificidade da experiência do negro neste contexto, como também terem atinado para a importância de sugerir alguns meios possíveis para a superação deste cenário. Ao estabelecerem um olhar sobre o micro e o macro, Guerreiros Ramos e Frantz Fanon indicam saídas possíveis que contemplam tanto a materialidade das relações sociais quanto a subjetividade dos sujeitos envolvidos.

Porém, as diferenças de suas propostas têm como fundamento, sobretudo, diferentes perspectivas políticas, tanto no que concerne às estratégias quanto à profundidade de mudanças exigidas, estando Ramos mais alinhado à manutenção do sistema político e econômico vigente, e Fanon mais próximo à reestruturação total da sociedade. No entanto, é essencial apontarmos, como já foi previamente feito em nossa introdução, que ambos se encontravam em contextos muito distintos: Fanon estava em meio às lutas por libertação do sistema colonial, enquanto Ramos se localizava em um país já independente, e que no momento buscava por soberania e progresso econômico. Além disso, ambos tinham filiações ideológicas bem divergentes: Fanon se aproximava do marxismo e das discussões acerca da classe, o que destoava muito da posição antimarxista e desenvolvimentista de Ramos (FAUSTINO, 2018; MAIO, 2015).

A descolonização pressupunha, para Fanon, uma compreensão total da realidade, isto é, um olhar atento tanto para o plano objetivo quanto para o subjetivo. Assim, a libertação dos povos se tornaria possível a partir da desalienação do colonizado, juntamente a uma transformação material da sociedade, através da reorganização dos modos de produção (FAUSTINO, 2018).

Em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, especificamente, centraliza sua análise na subjetividade do negro, procurando demonstrar a importância de livrá-lo do arsenal de complexos a que a situação colonial o submeteu (FANON, 2008). Para o autor, a descomplexificação psicológica daquele que foi essencializado com atributos negativos no contexto colonial é um movimento necessário para o processo de luta concreta pela descolonização. Por outro lado, é justamente no decorrer desta luta pela libertação que este pode vir a se conscientizar de sua exploração, retomando o controle de seu próprio ser e tornando-se, enfim, sujeito, e não mais objeto plenamente determinado.

A dupla perspectiva de Fanon, que analisa conjuntamente a relação indivíduo e estrutura, tem como um de seus objetivos a compreensão da subjetividade do negro a partir do contexto socio-histórico ao qual ele pertence, dado que, em sua concepção, a identidade negra estigmatizada e o racismo são elementos socialmente construídos. Esta perspectiva intersubjetiva implica, para o autor, a necessidade de um novo método de análise, o qual ele denomina "*sociogenia*" (FANON, 2008).

Ademais, contrapondo-se ao abstrato humanismo europeu, Fanon propõe uma análise existencialista que contemple a experiência do negro. Ao considerar que todo indivíduo tende ao universal, propõe o que denomina



enquanto o novo humanismo. Sua pretensão é conceber um ser universal que não seja determinado e essencializado a partir de categorias impostas socialmente, tais como raça e nação (FAUSTINO, 2018). Deste modo, o novo humanismo fanoniano pretende, necessariamente, a desracialização da experiência e o abandono da determinação de identidade homogênea a partir da ideia de nação.

Guerreiro Ramos considera estas categorias de modo distinto de Fanon. Sua intenção é trazer um sentido positivo para a raça e apontar os elementos necessários para o estabelecimento da nação. Para tanto, o autor afirma que é de extrema importância que o negro seja não só incorporado à sociedade brasileira, como também que ele participe intelectualmente de sua construção e de sua narrativa, deixando, assim, de ser apenas objeto de pesquisa para se tornar sujeito ativo socialmente e reflexivo. Ou seja, para Ramos, diferentemente de Fanon, é possível a incorporação do negro nesta concepção de Estado-nação, assim como já está posta, em torno de uma identidade nacional.

O autor apresenta, desta forma, duas ferramentas teóricas que poderiam nos levar a estes objetivos: o *niger sum*, que seria uma nova atitude intelectual dos sujeitos negros diante da produção científica; e a redução sociológica, que se trata de um método que tem como finalidade a autonomia intelectual do sujeito que interpreta e reflete sobre as relações sociais do país.

Para Ramos, o *niger sum* faz parte de uma abordagem epistemológica, ideológica, política e ontológica. O “*sou negro*” parte de uma suspensão crítica da brancura instituída no inconsciente coletivo e da afirmação de uma negritude, isto é, da assunção, por parte do indivíduo negro, de sua subjetividade e de seu corpo. Através desta perspectiva psicológica e estética, o intelectual estaria apto a enxergar na sociedade elementos que, de outro modo, lhe passariam despercebidos (CAMPOS, 2015; RAMOS, 1957). No âmbito político, o exercício do *niger sum* proporcionaria a inserção de negros com pensamento crítico na elite intelectual e, conseqüentemente, a mudança da representação desta categoria no imaginário coletivo.

Aqui, notamos uma diferença importantíssima na estratégia política de ambos os autores, o que nos permite trazer os seus argumentos para um debate atual na sociedade brasileira. Enquanto a positivação da negritude é uma tarefa necessária ao intelectual negro segundo Ramos, para Fanon, tal conceito reforçaria a essencialização já presente na experiência do negro. Este rebate criticamente o movimento de negritude afirmando que a cultura representa a forma ativa de ser e estar no mundo, que fora estrategicamente cristalizada pela empresa colonial tendo como finalidade a inferiorização de todo um continente (FANON, 2005; FAUSTINO, 2018).

Quanto à redução *sociológica*, Ramos propõe que esta seria uma metodologia de pesquisa que viabilizaria o estabelecimento de uma epistemologia descolonizada no país. O objetivo principal deste método é a



proposição de regras que levem o sujeito a compreender seu objeto de pesquisa para além de sua aparência externa, tendo como pressuposto primordial o entendimento das causas-efeitos dos fenômenos sociais (RAMOS, 1996). Outro aspecto importante deste método é o procedimento crítico-assimilativo da experiência estrangeira. Ao considerar a sociologia uma ciência com princípios universais, Ramos compreende a importância de se desenvolver o saber nacional a partir dos avanços científicos de outros países, no entanto, pensa ser importante estabelecer critérios para esta exportação (RAMOS, 1957).

Assim, ao partir da situação concreta para a concepção teórica, o intelectual brasileiro estaria apto a rastrear quais seriam os principais temas de interesse para a compreensão da nação, como também para desenvolver meios que levem a sua emancipação política e econômica. Com isso, Ramos pretende resolver os impasses supracitados acerca da relação entre o sujeito do conhecimento e o seu objeto de pesquisa em busca da descolonização do conhecimento.

6. Considerações finais

Tendo em vista a discussão sobre as sociedades modernas e alguns dos preceitos gerais da filosofia que fundamentaram seu pensamento, a leitura das obras de Frantz Fanon e Guerreiro Ramos teve como objetivo o esforço em explicitar o modo como o negro foi alocado na teoria social moderna hegemônica, assim como sugerir, a partir dos autores, alguns meios possíveis para a superação dos limites impostos ao ser negro.

Compreendemos, a partir de ambos os autores, que o pensamento filosófico moderno se erigiu em torno da concepção de uma universalidade da condição racional e transcendente do homem; no entanto, este projeto de Ser contemplou parcialmente a totalidade dos povos.

Concretamente, a razão foi negada ao negro, inibindo-o de conceber uma narrativa sobre si mesmo que fosse socialmente legitimada. Deste modo, este passou a ser determinado pelo outro e representado socialmente a partir desta narrativa. Em meio a este contexto, a experiência social destes povos foi incompreendida pelo olhar da objetividade científica europeia, dado que entre este sujeito que pretendia o verdadeiro conhecimento e o seu objeto de interesse havia um véu, fundamentado pelo intenso preconceito e inferiorização (DUBOIS, 1999).

Ramos e Fanon demonstram em seus livros os resultados desta relação. Ramos aponta que a transposição de teorias tidas como universais para o Brasil, somadas ao racismo colonial, concebeu uma *sociologia do negro* equivocada, pois retratou um indivíduo social na teoria distante da sua experiência real. Fanon, do mesmo modo, afirma que a supressão da condição



do negro enquanto sujeito e a sua representação construída pelo outro levou a construção de um objeto essencializado, com uma cultura cristalizada.

Dado isso, ambos os autores apontam para a importância em tornar o negro sujeito novamente. Enquanto Ramos frisa tanto a importância da participação intelectual do negro, salientando que deste modo poderia haver uma real compreensão de sua experiência social, quanto a descolonização do pensamento do colonizado a partir de um método dos estudos sociológicos, Fanon ressalta a importância de livrar o negro das amarras das categorias coloniais, pois só neste cenário ele poderia se tornar enfim sujeito de sua história.

Referências bibliográficas

ADELMAN, Miriam. **A voz e a escuta: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea.** São Paulo, SP: Blucher Acadêmico, 2009.

BROWN, K; ITZIGSOHN, J. Sociology and the theory of double consciousness: W.E.B. Du Bois's phenomenology of racialized subjectivity. In: **Du Bois Review: Social Science Research on Race.** Hutchins Center for African and African American Research. v. 12:2, p.231-248, 2015.

BRUCE JR., Dickson. D. W. E. B. Du Bois and the Idea of Double Consciousness. **American Literature**, 64 (2), p. 299-309, 1992.

CAMPOS, Luiz Augusto. "O negro é povo no Brasil": afirmação da negritude e democracia racial em Alberto Guerreiro Ramos (1948-1955). **Cad. CRH**, Salvador, v. 28, n. 73: p. 91-110, abr. 2015.

CASTRO-GOMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da "invenção do outro". In: LANDER, Edgardo. (Org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais -Perspectivas latino-americanas,** Ciudad Autónoma de Buenos Aires/Argentina: CLACSO, 2015.

CESAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo.** Lisboa, Portugal: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

CONNELL, Raewyn. O Império e a Criação de Uma Ciência Social. **Contemporânea -Revista de Sociologia da UFSCar.** São Carlos, v. 2, n. 2: pp. 309-336, jul-dez, 2012.

DUBOIS, W.E.B. **As almas da gente negra.** Rio de Janeiro: Lacerda Editores,



1999.

FANON, Frantz. **Em Defesa da Revolução Africana**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de fora: Editora UFJF, 2005.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.

FAUSTINO, Deivison M. **“Por que Fanon, por que agora?”: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil**. 2015. 252f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

FAUSTINO, Deivison M. **Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro**. 1ªed., São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

FILGUEIRAS, Fernando. Guerreiro Ramos, a redução sociológica e o imaginário pós-colonial. **Caderno CRH**, 25(65):347-363, 2012.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência**. São Paulo, Riode Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos AfroAsiáticos, 2001.

GORDON, Lewis. Prefácio. In: FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GORDON, Lewis. **What Fanon Said: A Philosophical Introduction to His Life and Thought**. New York: Fordham University Press, 2015.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. A recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra. **Novos estudos - CEBRAP**, 81, 99-114, 2008.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, E. (Org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais - Perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires/ Argentina: CLACSO, 2005.

LYNCH, Christian. Teoria Pós-colonial e Pensamento Brasileiro na Obra de Guerreiro Ramos: o pensamento sociológico (1953-1955). **Caderno CRH**, 28 (73), 27-45, 2015.

MAIO, Marcos Chor, “A questão racial no pensamento de Guerreiro Ramos”. In:



Maio, M. C. & Santos, R. V. (Orgs.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996.

MAIO, Marcos Chor. Cor, intelectuais e nação na sociologia de Guerreiro Ramos. **Cadernos EBAPE.BR**, 13(spe), 605-630, 2015.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. 1ª ed. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

MEDEIROS, Priscila Martins. Rearticulando narrativas sociológicas: teoria social brasileira, diáspora africana e a desracialização da experiência negra. **Soc. estado**. [online]. vol.33, n.3, pp.709-726, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-6992-201833030003>.

RAMOS, Guerreiro. **A redução sociológica**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

RAMOS, Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Andes, 1957.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. Selvagens, Exóticos, Demoníacos. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 24, nº 2, pp. 275-289, 2002.

SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, A. H. &FOSSÁ, M.I.T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, 16(1), pp. 1-14, 2015.

SPIELMANN, Ellen. "Alteridade" desde Sartre até Bhabha: um surf pela história do conceito. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n.5, pp. 18-28, 2000.

STREVA, Juliana. Teoria Descolonial de Frantz Fanon: anti-racismo, novo humanismo e luta. **Conversações: Política, Teoria e Direito - Revista Discente da Pós Graduação - PUC-Rio**. Cadernos do Seminário da Pós 2015, pp. 120-150, Rio de Janeiro, RJ, 2015.

Como citar este artigo:

WEBER, Patrícia Amorim; MEDEIROS, Priscila Martins. Sobre a zona de não-ser e o negro-tema: um debate acerca da produção do conhecimento a partir



de Frantz Fanon e Guerreiro Ramos. **Áskesis**, São Carlos - SP, v. 9, n.1, p. 266-283, jan./jun. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9120.467>

Data de submissão do artigo: 06/05/2020

Data da decisão editorial: 30/01/2021